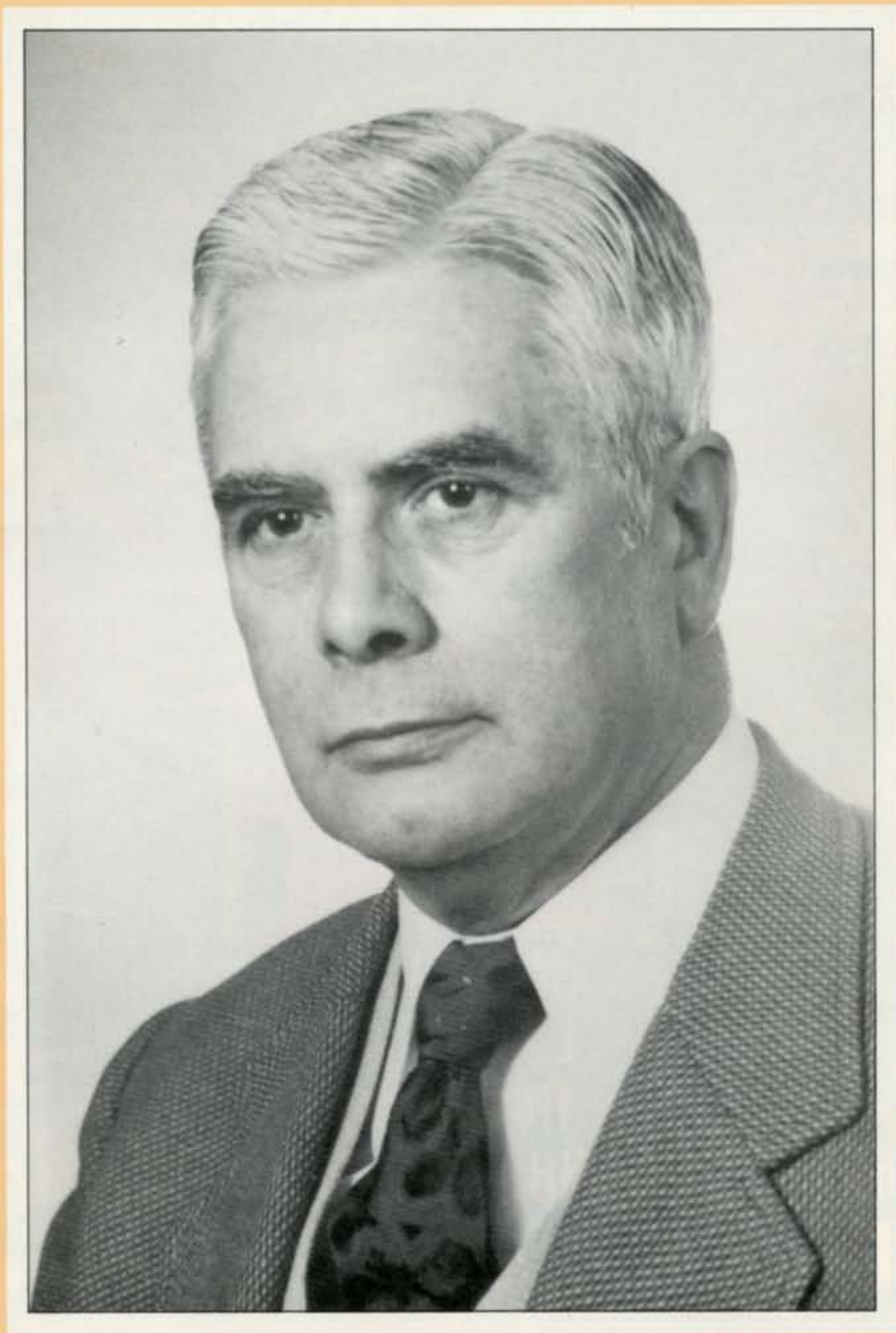




# O TRIPEIRO

7.<sup>a</sup> SÉRIE (SÉRIE NOVA) — ANO X / N.º 10  
OUTUBRO \* 1991



# ROCHA PEIXOTO

MUSEÓLOGO E COLECCIONADOR DE ARTE

Por MANUEL LOPES \*

## 1 — DO OBJECTO À COLECÇÃO:

Da necessidade e do acaso surgiram os primeiros *objectos* — os *utensílios* que caracterizam e definem a cultura do *homo faber*. Os mais antigos *utensílios* eram, provavelmente, *simples objectos naturais seleccionados porque podiam satisfazer uma necessidade imediata* (Gordon Childe, 1947).

Os *objectos culturais* aparecem com o saber fazer e o saber sentir, ou seja, o novo olhar com que o *homo sapiens* passa a interpretar e a transfigurar o mundo real e o mundo imaginado.

Por outro lado, também a *capacidade do homo sapiens para intervir no mundo exterior foi grandemente aumentada por uma variedade de utensílios especializados* — *facas de sílex com o fio de trás abatido pela podagem e precursoras das nossas próprias facas de mesa e das navalhas compostas, formadas por várias lâminas curtas, montadas num único cabo de madeira* — *várias espécies de raspadores, sovelas e instrumentos de furar, gravadores e pequenas serras, boas para cortar ossos.* (Gordon Childe, 1947).

Há todo um longo caminhar, estético e funcional, lúdico e tecnológico, que vai produzindo variações e modelos que, por sua vez, dão origem a novas formas e funções ou, formas reconvertidas nas quais podemos ler a aventura excitante dessa procura e dessa relação, singular e misteriosa, existente entre os *objectos* e o *homem* que os fabrica e venera.

O *objecto que se venera, protege-se. O objecto que se admira, guarda-se. O objecto que contém outra vida para além da realidade quotidiana, defende-se. Inversamente, o objecto que não tem valor, ou que o perde, sossobra, esquece-se, cai na indiferença. A morte dos objectos é, tal como a dos homens, diferente e própria, podendo acontecer uma decomposição natural motivada pelo uso, uma destruição acidental ou provocada, e uma desagregação efectuada através de uma lenta ou curta agonia.* (Madalena Braz Teixeira, 1984).

O universo do *objecto* assume, ao mesmo tempo, um carácter de mudança e imutabilidade. Conversão e reconversão. Sinal e significado. Padrão de comportamento. Valor que o tempo reduz ou amplia.

Secretos e misteriosos são, tantas vezes, os *desígnios* que explicam a súbita ou esperada convivência



Rocha Peixoto — Fotografia da autoria do poveiro Anibal Rosário (cerca de 1908). Col. Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim.

\* Responsável pela Biblioteca Municipal «Rocha Peixoto» da Póvoa de Varzim e Director do Museu Municipal.

dos *objectos*. Sabemos apenas que quando um *objecto* se junta a outro da mesma ou diferente família estética e funcional; que quando a afectividade e o gosto pressupõe a multiplicação e a série surge a *colecção*.

## 2 — DA COLECÇÃO AO MUSEU:

Diremos com maior e mais explícita clareza: *coleccionismo* se nos quisermos referir ao interesse e ao gosto pela recolha e escolha mais ou menos ordenadas de *objectos* que valoramos como categorias de representação artística, económica, social, estética e cultural.

Contudo, o *coleccionismo*, entendido como fenómeno cultural, nem sempre pode confundir-se com o acervo ou património artístico e religioso predominante nas antigas culturas urbanas orientais, onde os *objectos* expostos e venerados em templos, santuários ou túmulos, se revestem de um carácter puramente simbólico e transcendente.

Na história do *coleccionismo*, onde se alicerça a génese dos *Museus*, cruzam-se situações, homens e ideias, gostos e conceitos: *Asurbanipal* expondo às portas da sua cidade as estátuas e obeliscos que conquistou e trasladou do *Egipto*; os *tesouroi* dos templos gregos enriquecidos com *ex-votos* de todo o mundo; o gosto pela faustosidade, marcadora da diferença social, alimentando os *coleccionadores* e o mercado da arte na *República* e no *Império Romano*; a *Igreja* como grande *Museu Público* em toda a Idade Média; o *humanismo renascentista* revitalizando e revivendo as estéticas e as historiografias do passado; a *ascensão da burguesia* gerando novos gostos e mercados e impondo novos valores; os gabinetes setecentistas dos "*curiosos*" e dos "*filósofos*"; as colecções privadas do *romantismo* e o "*boom*" americano, entre a pradaria e a locomotiva; os "*marchands*", as galerias e os leilões dos "*tempos modernos*", que tudo vendem e tudo promovem.

A *colecção* é, em princípio, um fenómeno privado que, frequentemente, quando a *colecção* é importante, se tornará pública, por herança ou legado, a fim de perpetuar para além da morte a relação do possuidor com os seus *objectos*. O caso *Gulbenkian* é por demais conhecido, como o caso *Anastácio Gonçalves*, com as numerosas "*salas de*", existentes, por obrigações testamentárias, em muitos *museus portugueses*. (Madalena Braz Teixeira, 1984).

Foi deste modo que a *colecção* do comerciante inglês *João Allen*, nascido em *Viana do Castelo* em 1875, deu origem a um *Museu* privado (1838) que, passando por vicissitudes várias, acabou por determinar a criação do *Museu Municipal do Porto*. O sestro e a vocação *coleccionista* de *Rocha Peixoto* pode já depreender-se no modo como refere e analisa a natureza da *colecção Allen*: Ao tempo os *coleccionadores* não se especializavam, como posteriormente, num certo



Retrato de Rocha Peixoto, a *crayon*, da autoria do pintor António Carneiro (1915). Col. MMEH,PV (depositado na Biblioteca Municipal "Rocha Peixoto" da Póvoa de Varzim).

*departamento de arte ou do saber; tudo se arquivava: telas, antigualhas, produtos naturais e industriais, estatuária, escultura decorativa, leques e faianças, artefactos e utensílios dos países bárbaros, raridades, etc.. Esta foi, pois, a índole do museu particular, então talvez o melhor e o mais interessante do país, núcleo excelente para um futuro desdobramento de colecções autónomas.* (Rocha Peixoto, 1895).

*Rocha Peixoto*, animado pela conduta exemplar dos homens da sua geração e profundamente ligado ao progresso cultural e material da sua terra natal, legou-nos, por disposição testamentária, o conjunto dos seus livros, a maioria dos quais valorizados com notas marginais e dedicatórias autógrafas dos seus autores. *Da minha pequena biblioteca escolherão as minhas herdeiras os livros que bem quiserem; os restantes, não apartados para elas, lego-os à Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, para aumento da sua Biblioteca, devendo serem-lhe entregues dentro do prazo de um ano.* (Testamento, 1907).

Um ano depois da sua morte também a sua *colecção de arte*, adquirida pela autarquia poveira em 1910, veio enriquecer o património cultural e artístico da *Póvoa de Varzim*.

### 3 — ROCHA PEIXOTO: PERCURSOS DO COLECIONADOR E DO MUSEÓLOGO:

Muito cedo se manifestou em *Rocha Peixoto* uma grande apetência cultural, logo estimulada e enriquecida pelo exaltante ambiente intelectual que então se vivia na cidade do *Porto*.

*Rocha Peixoto* partilhou dos sonhos e do combate de uma geração inquieta e interessada no debate de ideias e na busca incessante de remédio e solução para a crise nacional da época. Uma geração onde avultam nomes e personalidades como *Fonseca Cardoso*, *Ricardo Severo*, *João Barreira*, *António Arroio*, *Bazílio Teles*, *António Nobre* e *Augusto Nobre* e, tantos outros, cujo labor intelectual se repartiu entre a *Arqueologia* e a *Música*, a *Economia* e a *Poesia*, a *Literatura* e a *Zoologia*, a *Arte* e a *Vida*.

É neste caldo cultural que, certamente, radica o gosto artístico de *Rocha Peixoto*. Nele a actividade museológica começa cedo. Aos vinte e dois anos dá à estampa o seu primeiro trabalho sobre o *Museu Municipal do Porto (História Natural)*, em que, numa linguagem de amargura e de combate, propugnou pela valorização das colecções de ciências naturais e de pré-história no edifício (*Flávio Gonçalves*, 1965).

E é nesta área científica que, no naturalista *Rocha Peixoto*, se teria igualmente desenvolvido o gosto pelo coleccionismo geológico, que a criteriosa organização dos *Catálogos da Academia Politécnica* e do *Ateneu Comercial do Porto* testemunha e evoca.

A notável colecção de obras de arte reunida por *Rocha Peixoto*, no decorrer da sua curta e ardorosa existência, esteve prestes a cumprir o destino fatal, que acompanhou tantos dos magníficos espólios artísticos e bibliográficos, que a incúria nacional dissipou e fez perder. Da dispersão total da colecção salvou a arguta visão de *David Alves* mais de duas centenas de peças que, por sua proposta, a Câmara Municipal adquiriu à família em 18.Abril.1910. *David Alves*, entendia que

*esses objectos deviam passar para a posse da Câmara, não só porque constituiriam um precioso Museu de antiguidades, como principalmente porque seriam recordação de Rocha Peixoto, que serviria de incentivo a todos os filhos desta terra para o amarem como ele a amou. (Livro de Actas, 1910).*

No *Arquivo Histórico Municipal* guarda-se, igualmente, uma espécie de sucinto inventário das peças adquiridas (*Relação da mobília, talha de madeira, objectos de arte decorativa, metais, vidros, barros e faianças estrangeiras e nacionais (...)*, 1910), cujo estudo, embora aflorado por *Flávio Gonçalves (Flávio Gonçalves, 1966)* está, ainda hoje, por fazer.

Há uns anos, descobrimos entre papéis avulsos oportunamente relacionados com o "*Inventário de todos os objectos do Museu Rocha Peixoto*" quatro folhas de papel timbrado da revista "*Portugália*", preenchidas com o "*Inventário do espólio de R.(ocha) P.(eixoto)*". Trata-se de um manuscrito não assinado da autoria de, a letra não nos deixa dúvidas, *Manuel Monteiro (1879-1952)*, ilustre investigador de arte, primo e confrade de *Rocha Peixoto* que, com toda a certeza, serviu de modelo orientador à relação referida, assinada pelos avaliadores do espólio.

Numa primeira abordagem — não é este o tempo e o lugar para um estudo detalhado da natureza e do sentido cultural e estético da colecção —, torna-se evidente a importância temática da *Faiança* (sessenta e duas peças, algumas das quais referidas como extraordinárias peças de Museu) e da *Azulejaria* (quinze painéis de azulejos, de proveniências diversas, dos séculos XVI-XVIII), que constituem as duas mais distintas componentes do gosto e do afã coleccionador de *Rocha Peixoto*. As artes e as técnicas da cerâmica popular e da faiança decorativa sempre atraíram a atenção e o interesse estudioso do monógrafo de "*As Olarias do Prado*". *Flávio Gonçalves*, com o rigor crítico e o pendor para a anotação exhaustiva que o caracterizam, não deixa de nos chamar a atenção para os



*Grupo de jovens intelectuais portuenses ligados (ou como fundadores ou como acompanhantes) ao movimento da "Sociedade Carlos Ribeiro". Da esquerda para a direita: Fonseca Cardoso (aos 26 anos); Morais Rocha (25 anos); Vasco Ortigão de Sampaio (26 anos); Oliveira Alvarenga (26 anos); Ricardo Severo (22 anos); Rocha Peixoto (25 anos); João Barreira (25 anos). Fot. de Emilio Biel & Comp.<sup>a</sup>, de 25-1-1892.*



Biblioteca Pública do Porto — a ala oriental do claustro depois de Rocha Peixoto ali ter instalado peças de escultura medieval, lápides, azulejos, etc.. Fotografia reproduzida no n.º 54 da revista *Arte*, de Marques Abreu (Porto, Junho de 1909, p. 44) (\*)

reflexos do interesse de *Rocha Peixoto* pelos motivos da nossa cerâmica artística registado na sua bibliografia. (*Flávio Gonçalves*, 1966).

O polígrafo poveiro não só escreve sobre as tecnologias, o fabrico, a estrutura económica e social, a gramática decorativa e a museologia da cerâmica portuguesa, como também, participa na organização de *Exposições Industriais e Artísticas*, pugnando pela defesa e preservação do *Património Nacional*. Importa, aqui, salientar a acção que desenvolveu nas campanhas públicas pela aquisição, e posterior integração no *Museu Municipal do Porto*, das preciosas colecções de cerâmica

(\*) Na parede, no primeiro plano, nota-se um painel de azulejos hispano-árabes do antigo convento de S. Francisco de Vila do Conde (painel ainda hoje patente no claustro, no mesmo lugar). Adiante, a meia altura da pilastra, está a rosácea manuelina da primitiva igreja de S. Nicolau de Santarém (que agora jaz, partida, no "Museu N. de Soares dos Reis"). Mais junto ao solo repousam: primeiro uma série de capitéis românicos de S. Pedro de Rates (Póvoa de Varzim); depois, sobre uma peanha mais alta, o capitel românico da antiga igreja matriz de Amorim (Póvoa de Varzim); mais adiante, de pé, as duas jacentes tumulares do mosteiro do Salvador de Paderne (Melgaço) [tudo peças actualmente no "Museu N. de Soares dos Reis"]

criadas pela refinada sensibilidade de *Moreira Cabral* e *Guerra Junqueiro*. Em relação à primeira, *Joaquim de Vasconcelos* reconhece os *esforços tenazes, inteligentes e frutíferos* de *Rocha Peixoto* (*Joaquim de Vasconcelos*, 1909), que tudo fez para evitar a dispersão irremediável de uma *colecção* que, hoje, constitui um dos mais valiosos núcleos temáticos do *Museu Nacional de Soares dos Reis*.

A *carta aberta* que *Rocha Peixoto* dirige a seu amigo *António Arroio*, coleccionador e crítico de arte, juntando-se-lhe na campanha em prol da compra da *colecção de faianças* do poeta *Guerra Junqueiro*, é um modelo extraordinário de lucidez crítica e amarga ironia face à delapidação e voragem do nosso *Património Artístico e Cultural*, provocadas pela cegueira e surdez, quase crónicas, dos poderes públicos. *E considere ainda como, em face desta insigne quadrilhagem, governo e povo se mantêm estranhos e arredados, enquanto se escoia, lá para fora, a opulência do que possuíamos em jóias, em brocados, em esmaltes, em mosaicos, em loiças, em talhas, em mobiliário, em escultura e pintura*



Porta de sacrário, de madeira, ostentando em alto-relevo a cena da Ressurreição de Cristo. Obra espanhola? Século XVII. Col. MMEH,PV (proveniência: Col. R.P.)



Museu Municipal do Porto — Uma das salas do antigo Museu, no edifício da Rua da Restauração (1901-1905). Reprodução da estampa VII do livro *Os Museus de Arte do Porto*, de Pedro Vitorino (Coimbra, 1930) (\*)

religiosa, em armas, em filigranagem, em lavranteria artística, etc. Tão alta proporção atingiu o despojo, que nós, os que falamos destas coisas, assentámos, de há muito, na já segura impossibilidade de reconstituirmos em museus, numa só colecção sequer, todo o passado de vária manifestação artística nacional; e quanto à riqueza oriental, que num século áureo aqui se acumulou, essa saiu para voltar jamais: nunca teremos dinheiro com que paguemos, a 200 libras, a colcha, o bronze ou o móvel que, comprado a nós por uma, alcançou aquele preço, num museu de Londres, por exemplo. (Rocha Peixoto, 1894)

Tal como a faiança também a azulejaria se reflecte, de igual modo, na obra multiforme de Rocha Peixoto.

Para além do acervo azulejográfico conservado no nosso Museu Municipal, existem ainda alguns dos painéis de azulejos que Rocha Peixoto cravou nas paredes da sua casa natal. Seria um extraordinário serviço prestado à nossa comunidade se o seu actual proprietário — Dr. Juiz Alberto Malgueiro — permitisse, por doação ou venda, a integração do imóvel e recheio no património público municipal.

(\*) Na sala reconhecem-se facilmente algumas pinturas: na parede ao fundo, em baixo e ao centro, a *Mártir* de Joaquim Vitorino Ribeiro, datada de 1874 (hoje no "Museu N. de Soares dos Reis"); no alto da mesma parede, também ao centro, uma grande *Paisagem* de Júlio Ramos (agora na "Biblioteca Municipal" do Porto). Flanqueando os cantos inferiores deste último quadro vêem-se, à direita, uma *Paisagem* de Artur Loureiro (hoje no "Museu N. de Soares dos Reis") e, à esquerda, a *Cena de Interior* de Marques de Oliveira (no mesmo Museu). Na parede do lado esquerdo, ao meio, o *S. Francisco de Assis* de Ludovico Cardí (igualmente no "Museu N. de Soares dos Reis"). Do escultor António Teixeira Lopes vê-se, no primeiro plano da gravura, à direita, o mármore de *A Infância de Caim* (hoje no "Museu N. de Soares dos Reis")

Em alguns dos seus painéis de azulejos Rocha Peixoto teve o cuidado de lhes registar a proveniência. Ficámos assim a saber que, por exemplo, os azulejos hispano-árabes policromados, dos começos do século XVI vieram da Sé Velha de Coimbra, quem sabe se oferecidos por Manuel Monteiro que, naquela cidade universitária, se apaixonou pelo estudo da arte medieval, sobretudo pela arte românica, contribuindo para isso a convivência com António Augusto Gonçalves, que ao tempo fazia o restauro da Sé de Coimbra (Alberto Feio, 1954) e com quem Rocha Peixoto se cartou nos últimos dez anos da sua vida.

Para além da cerâmica, a colecção particular de Rocha Peixoto evidencia o seu valor artístico e museológico através de quase uma dezena de móveis do século XVII, que hoje decoram o Gabinete da Presidência da Câmara Municipal, uma porta setecentista de sacrário em madeira, ostentando em alto-relevo a cena da *Ressureição de Cristo* e um fragmento de um frontal em couro lavrado, dos séculos XVII-XVIII.

A relação de Rocha Peixoto com o Museu Municipal da Póvoa de Varzim não se esgota ou traduz apenas pelo facto desta instituição albergar uma parte considerável da sua colecção de arte. É que, quando em 1907 surgem as primeiras ideias de criação de um Museu na Póvoa é, precisamente, Rocha Peixoto que ocorre com a sua colaboração e superior critério. O próprio género das colecções reunidas revelam o dedo de Rocha Peixoto: espécies da fauna marinha e terrestre



Prato de Faiança do séc. XVII, azul, branco e castanho, com ornatos de inspiração chinesa e europeia (*aranhões* nas orlas e um coelho ao centro). Fabrico: Lisboa.

Col. MMEH,PV (proveniência: Col. R.P.)